

# MARCA DE ÁGUA DO DOURO PATRIMÓNIO MUNDIAL: TESTEMUNHOS HISTÓRICOS E EVOCAÇÕES LITERÁRIAS EM MARIA ANGELINA/RAUL BRANDÃO E MANUEL MENDES\*

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE\*\*

CARLA SEQUEIRA\*\*\*

**Resumo:** *Atendendo a que o Alto Douro Vinhateiro paisagem cultural evolutiva e viva de valor universal foi fonte inspiradora de representantes das artes e letras, revelando a inter-relação cultura e natureza, revisita-se, na fronteira entre literatura e história, esta região em seus espaços-tempos, objecto de invenção e originalidade criativa.*

*Dada a relevância da literatura como depositária das memórias socioculturais do «ser histórico», analisam-se, nas obras de Raul Brandão e Manuel Mendes, representações da paisagem física e humana duriense (século XX), imagem tradicional de modernidade emergente.*

*O corpus de análise documental, literária e dialógica abarca obras emblemáticas do património literário duriense: Portugal Pequenino, de Maria Angelina Brandão e Raul Brandão, e Douro, Roteiro Sentimental, de Manuel Mendes.*

*Estes testemunhos históricos e evocações literárias configuram-se como «marca de água» do Douro Património Mundial, garantia da identidade e autenticidade da paisagem física e humana, cujos rastros de «bem comum» preservam e transmitem aos «filhos dos outros».*

**Palavras-chave:** *Alto Douro Vinhateiro — património mundial; Douro — paisagem física e humana (anos de 1920 a 1960); Raul Brandão; Manuel Mendes; literatura-história.*

**Abstract:** *Considering that the Alto Douro Wine Region, an evolving and living cultural landscape of universal value, has been an inspiring source for representatives of the arts and literature, revealing the interrelation between culture and nature, we revisit, on the border between literature and history, this region in its space-time, object of invention and creative originality.*

*Given the relevance of literature as a depository of socio-cultural memories of the «historical being», the works of Raul Brandão and Manuel Mendes analyse the representations of the Douro physical and human landscape (20<sup>th</sup> century), a traditional image of emerging modernity.*

*The corpus of documentary, literary and dialogical analysis includes emblematic works of Douro literary heritage: Portugal Pequenino, by Maria Angelina Brandão and Raul Brandão, and Douro, Roteiro Sentimental, by Manuel Mendes.*

*These historical testimonies and literary evocations are configured as a «watermark» of the Douro World Heritage, guarantee of the identity and authenticity of the physical and human landscape, whose traces of «common good», preserve and transmit to the «children of others».*

**Keywords:** *Alto Douro Wine Region — World Heritage; Douro — physical and human landscape (1920s-1960s); Raul Brandão; Manuel Mendes; literature-history.*

---

\* As autoras não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.

\*\* Doutora em História Moderna e Contemporânea (Universidade de Minho) e investigadora integrada do CITCEM.

\*\*\* Doutora em História. Investigadora contratada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a exercer funções no CITCEM.

## INTRODUÇÃO

A região e paisagem duriense e, mais recentemente, o Alto Douro Vinhateiro (ADV) classificado como paisagem «cultural evolutiva e viva» de valor universal (UNESCO, Dezembro de 2001)<sup>1</sup> têm sido fonte inspiradora de escritores, pintores, fotógrafos, cineastas e mais representantes das artes e das letras<sup>2</sup>, revelando a relação do Homem com a espaciotemporalidade envolvente, vector preponderante da história, da literatura, da arte e cultura em sentido lato.

Assim, procura-se revisitar, reflexivamente, na fronteira entre literatura e história, cruzando aproximações históricas e estudos literários, esses espaços-tempos de invenção e originalidade criativa a que não foram alheios muitos viajantes cultos que os atravessaram, ao longo dos tempos, alguns dos quais contribuíram para elevar a identidade da região duriense a património mundial, divulgando as suas potencialidades, constrangimentos e desafios no âmbito do desenvolvimento cultural.

Destacam-se, neste contexto, os legados singulares e valiosos da escrita de Raul Brandão (1867-1930), autor da Foz do Douro e clássico da literatura portuguesa com páginas ímpares sobre o Douro, da nascente à foz, e Manuel Mendes (1906-1969), escritor lisboeta observador atento da região duriense, os quais importa conhecer e apreciar, num cruzamento de estilos, contactos e ressonâncias, entre modernismo e neo-realismo, mas idêntico «testemunho da vida mais intensa»<sup>3</sup>.

As suas narrativas literárias e documentais da paisagem física e humana do Alto Douro Vinhateiro, em momentos sequenciais do século XX, de referência incontornável, configuram-se como relevantes testemunhos históricos e evocações literárias diferenciadas, cuja cartografia temática se ensaia em perspectiva comparada e registo intertextual.

Aí, a paisagem, objecto de múltiplas apropriações, é entendida como «representação de um sistema de relação entre natureza e cultura, portanto uma construção cultural sobre o território»<sup>4</sup> no sentido de que não há senão «híbridos de natureza-cultura que se escalonam entre os dois extremos, [...] onde as relações humanas não são puramente sociais, nem as coisas são puramente naturais»<sup>5</sup>. A esta luz, observam-se e analisam-se esses alicerces histórico-literários sedimentares da paisagem natural e humana instituinte do património cultural de um Douro ainda tradicional, mas já em transformação

<sup>1</sup> AGUIAR, 2002: 143-152.

<sup>2</sup> São muitos os que nos deixaram memórias, testemunhos e obras marcantes sobre o Douro Vinhateiro, desde Dorothy Wordsworth e o Barão de Forrester ao Visconde de Vila Maior, de Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós e Guerra Junqueiro a Miguel Torga, Alves Redol, João de Araújo Correia, Domingos Monteiro, Pina de Morais, Manuel Monteiro, ou, mais recentemente, outros autores destacados como Vasco Graça Moura, Agustina Bessa-Luís, António Cabral, A. M. Pires Cabral, Camilo de Araújo Correia, Modesto Navarro, Nuno Rebocho, Inácio Nuno Pignatelli, António Barreto, entre tantos mais.

<sup>3</sup> LOPES, 1990: 120.

<sup>4</sup> RIBEIRO, RAMALHO, 2011: 411-435.

<sup>5</sup> RHEINEBERGER, 2013.

e com sinais de modernidade, que se consideram enquanto inscrição/reconhecimento do Douro Contemporâneo Património da Humanidade.

Tais são os tópicos essenciais a desenvolver de modo integrado no presente texto que se estrutura nas seguintes secções: 1. Enquadramento: argumentos e dispositivos teórico-metodológicos; 2. Os autores: Maria Angelina Brandão e Raul Brandão, e Manuel Mendes; 3. «Marca de água» do Alto Douro Vinhateiro — Património Mundial: *corpus* documental; 4. O Douro dos anos de 1920 aos anos de 1960. Por sua vez, estas rubricas organizam-se em articulação conceptual densa e abrangente, destacando-se, por fim, nalgumas reflexões, limites e vantagens que podem advir das abordagens experimentadas.

## 1. ENQUADRAMENTO: ARGUMENTOS E DISPOSITIVOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O *corpus* documental e literário seleccionado, qual «documento-monumento»<sup>6</sup> do património literário e cultural do Douro, é constituído por duas obras mais significativas sobre a paisagem física e humana duriense, escritas na primeira e na segunda metade do século XX, respectivamente, por Maria Angelina Brandão e Raul Brandão, e Manuel Mendes, autores de gerações diferentes, significado e valores distintos, mas com contactos e afinidades.

Por adequação aos atributos literários próprios da escrita de Raul Brandão, este é objecto de uma análise dialógica e cronotópica<sup>7</sup>, segundo o princípio orientador do espaço-tempo: entidades objectivas ou categorias essenciais ao conhecimento do mundo. A abordagem também não-linear das crónicas de viagem que compõem a obra de Manuel Mendes, metanarrativa literária, é informada pelo conceito de «representações sociais», desenvolvido pela «história cultural»<sup>8</sup> e frequente actual no discurso historiográfico.

Em *Portugal Pequenino* (1930), última obra de Raul Brandão, em co-autoria com sua mulher Maria Angelina Brandão, obra-prima de literatura para a infância e «livro-ponte» para crianças e adultos, faz-se uma análise pormenorizada do capítulo *Duas gotas de água*, texto fulcral sobre o Douro da dura faina fluvial dos barcos rabelos<sup>9</sup>, arrais e marinheiros, já atravessado pela moderna linha férrea, e o Porto urbano, comercial e cosmopolita. As suas descrições picturais, sensoriais e de «colorida visão», escritas nos anos de 1920, época de profunda crise nacional e mundial, compõem a memorável narração etnográfico-literária da região duriense fixada no seu devir socio-histórico.

---

<sup>6</sup> LE GOFF, 1984.

<sup>7</sup> BAKHTIN, 2010.

<sup>8</sup> CHARTIER, 1990: 19. Ver também CHARTIER (1994), *O Mundo como Representação*. «Estudos Avançados». 5:11, e CHARTIER (2002), *À beira da Falésia: A História entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS; CHARTIER (2001), *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: ARTMED Editora. Para uma revisão da literatura sobre interpretação e usos deste conceito considerado uma questão da teoria da História, consultar SANTOS (2011), *Acerca do conceito de representação*. «Revista de Teoria da História». 3:6, 27-53.

<sup>9</sup> Cf. PEREIRA, BARROS, 2001.

Segue-se a análise documental do livro *Roteiro Sentimental, Douro (1964-1967)*<sup>10</sup>, do escritor Manuel Mendes, obra solidária com os mais humildes e pobres da região e testemunho do Douro das barragens, das pontes e das estradas, dos inícios da mecanização, da emigração e de outras transformações do Alto Douro, num passado mais recente. A observação das «representações sociais» nesse conjunto de crónicas de viagem permite integrar o que representam e é representado, ausência e distinção entre práticas e discursos, representação e apropriação, lugares e instituições socioculturais do autor-obra.

Subjacentes à abordagem dialógica do discurso literário brandoniano, documental e ficcional, encontram-se as noções de «dialogia» ou «dialogismo»<sup>11</sup> e de «cronótopo artístico» — metáfora do «espaço-tempo» da teoria da relatividade de Einstein, que nos permite perceber «o processo de assimilação do cronótopo do tempo, do espaço e do indivíduo histórico real que se revela neles» em fluência complexa e intermitente<sup>12</sup>.

Este entendimento propicia uma aproximação densa a esses textos emblemáticos da e sobre a região do Douro, onde se pode intuir uma partilha da paisagem material e humana duriense, potenciada pela dialogia ou diálogo intertextual e pela cronotopia (operador da assimilação pela literatura do tempo e do espaço históricos).

Deste modo, reconhece-se a relevância da literatura enquanto depositária de memórias, identidades e «representações» socioculturais do «ser histórico» em seus espaços-tempos, o que nos permite então abordar, numa perspectiva interdisciplinar, sedimentos cognitivos e expressivos que extravasam dos limites das áreas disciplinares convocadas.

Daí que os testemunhos históricos e evocações literárias dos autores a seguir apresentados se considerem enquanto lastro de identidade e autenticidade duriense, «marca de água»<sup>13</sup> da Paisagem Cultural do Douro Património Mundial, «bem comum» que abrange a salvaguarda do planeta, o abrigo da vida na sua plenitude e o compromisso sucessivo das gerações<sup>14</sup>, cujos *rastros* se preservam na escrita de suas obras dedicadas aos «filhos dos outros».

<sup>10</sup> MENDES, 2002.

<sup>11</sup> Conceito elaborado pelo pensador e linguista russo Mikhail Bakhtin, que significa mecanismo de interacção textual, isto é, a existência e presença no interior de um texto de outros textos ou obras que o influenciam ou inspiram de algum modo, devendo assim o discurso ser observado em acção recíproca com textos idênticos ou imediatos.

<sup>12</sup> BAKHTIN, 1988: 211.

<sup>13</sup> A marca de água ou filigrana é, materialmente, definida na *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* como «sinal realizado na própria textura do papel e cujo desenho apenas é visível devido às alterações de translucidez provocadas pelas diferenças de densidade e espessura da pasta». Dessa forma, e enquanto elemento fundamental para demonstrar a autenticidade de origem de um documento impresso, a marca de água serve para impedir a falsificação do documento. Nas tecnologias de informação, a marca de água digital, através da incorporação de imagens ou assinaturas digitais, permite ainda identificar a origem de material sujeito a *copyright*. Como elementos distintivos, as marcas de água conferem especiais qualidades aos documentos, constituindo funções de metainformação a eles relativa. Se consideradas na sua gênese, são base de identificação das fontes e crítica destas, nomeadamente no que à crítica textual diz respeito. Cf. CARREIRA, 2012: 2-3.

<sup>14</sup> PATO, SCHMIDT, GONÇALVES, *orgs.*, 2013: 334.

## 2. OS AUTORES: MARIA ANGELINA BRANDÃO E RAUL BRANDÃO, E MANUEL MENDES

### 2.1. Maria Angelina Brandão e Raul Brandão



Fig. 1. Retrato de Raul Brandão e de sua esposa D. Maria Angelina Brandão, 1928. Columbano Bordalo Pinheiro, óleo sobre madeira  
Fonte: Museu de Arte Contemporânea

Raul Germano Brandão (Porto, 1867-Lisboa, 1930), escritor finissecular e intelectual entre dois séculos, natural da Foz do Douro, a que se encontra ligada a sua vida-obra (expandida ainda a Lisboa e Guimarães)<sup>15</sup>, é um autor visionário e polifacetado (prosador, ficcionista, dramaturgo, memorialista, publicista<sup>16</sup>). Personalidade literária com obras intemporais de elevada reputação e mestre de gerações sucessivas de destacados escritores portugueses, tornou-se um clássico da literatura nacional de notável actualidade.

Iniciou desde cedo, nos finais de Oitocentos, intensa actividade literária e intervenção jornalística, tendo-se dedicado também à pintura, com particular sensibilidade, atenção inteligente à realidade, e emocionada apreensão da Condição Humana, Vida e Natureza — qualidades inerentes à sua mais profunda vocação, ao invés da carreira militar em que ingressou em 1888 e de que se reformou como capitão, em 1911.

Conviveu de perto com grandes nomes da literatura, da pintura e da cultura portuguesa, seus amigos, em que se destacam, designadamente, Teixeira de Pascoaes, Correia de Oliveira, Batalha Reis, Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro, António Nobre,

<sup>15</sup> Cf. CASTILHO, 2006.

<sup>16</sup> Escreveu, entre outros jornais e revistas, no «Correio da Manhã», «Revista de Hoje», «Revista de Portugal», e foi chefe de redacção de «O Dia» e «A República». Colaborou na «Revista Águia» e no movimento Renascença Portuguesa. Fez parte do Grupo da Biblioteca quando Jaime Cortesão era director da Biblioteca Nacional de Lisboa, e do grupo fundador da revista «Seara Nova», em 1921, que se propunha reformar a mentalidade portuguesa através de intensa acção pedagógica e política.

António e Carlos Carneiro (ilustradores de algumas obras suas), Columbano (que o pintou em dois retratos) e Manuel Mendes<sup>17</sup>, que, mais tarde, assim evocará Brandão: «Esse foi meu mestre e meu amigo o deslumbramento inesquecível da minha juventude de incipiente sonhador, que ele acalentou a um fogo ardente e magnífico»<sup>18</sup>.

É difícil enquadrar Raul Brandão, personalidade literária de múltiplas facetas, em géneros literários (épico/narrativo, lírico e dramático) e estilos específicos (naturalismo, simbolismo, realismo, impressionismo, expressionismo). O que aliás se documenta e confirma nos textos brandonianos que nunca deixaram de:

*denunciar a mais extrema e genuína capacidade de espanto diante da vida. Aí, e na confessada consciência da duplicidade do «eu», a fazer lembrar Proust e Dostoievski, reside talvez a modernidade da sua prosa, que, se formalmente é ainda marcada pela referência simbolista, já tem sido considerada simultaneamente como precursora do existencialismo, de certos aspectos do neo-realismo e até do surrealismo*<sup>19</sup>.

Daí que a sua escrita, considerada genial, dialógica, polifónica, fragmentária, indisciplinada, transfiguradora e visionária ou, numa só palavra, «universal», deva ser compreendida na indecibilidade peculiar de sua prosa profundamente atravessada por imanente intuição poética.

Raul Brandão, «caso relevante da força indestrutível do génio que o torna de hoje»<sup>20</sup> e, como já sublinhado, escritor maior da Foz do Douro, legou-nos textos literários únicos sobre a região duriense<sup>21</sup>, onde «com a sua colorida visão, animou algumas das paisagens mais profundamente humanas da nossa terra»<sup>22</sup>.

### 2.1.1. Maria Angelina Brandão

Raul Brandão, durante a sua carreira militar, conheceu, em 1896, Maria Angelina d'Araújo Abreu, órfã prematura de uma família de proprietários abastados, quando foi colocado como alferes, no Regimento de Infantaria 20, em Guimarães. Com uma diferença de idades (ele com quase 30 e ela mais nova onze anos), casaram a 11 de março de 1897, véspera do aniversário do escritor, na igreja paroquial de Nespereira, aldeia onde o casal viveu e partilhou vida e escrita, na Casa do Alto, comprada em 1898.

<sup>17</sup> Dedicou-lhe o livro *Raul Brandão & Columbano: Artigos esquecidos do escritor, Reproduções de telas do mestre. Correspondência de ambos e breve Introdução de Manuel Mendes*. Editora: Jornal do Fôro, 1959. *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, 1994.

<sup>18</sup> MENDES, 2002: 176.

<sup>19</sup> *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, 1994.

<sup>20</sup> SENA, 1978: 65.

<sup>21</sup> Cf. texto original do escritor *Ao Porto pelo Rio Douro*. PROENÇA, Raul, dir. (1929). *Guia de Portugal*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa. Lisboa, pp. 532-533. ROSA, org., 2013: 466-469.

<sup>22</sup> TORGA, 1995: 378.

Essa amorosa relação de «admiração e respeito mútuos» e «complementaridade absoluta»<sup>23</sup> encontra-se patente nas cartas do casal<sup>24</sup> e nas memórias que Maria Angelina<sup>25</sup> escreveu pouco depois da morte do marido.

Maria Angelina Brandão foi biógrafa pioneira de Raul Brandão e referência dos primeiros biógrafos do escritor (João Pedro de Andrade e Guilherme de Castilho) e dedicada «secretária do Autor de *Húmus*. O seu romance póstumo, *O Pobre de Pedir* (1931), ter-lhe-á sido inteiramente ditado»<sup>26</sup>. Com a publicação de *Portugal Pequenino*, em 1930, «de que Raul Brandão e Maria Angelina são co-autores, os nomes de ambos entram, lado a lado, na história da literatura portuguesa novecentista»<sup>27</sup>.

## 2.2. Manuel Mendes



Fig. 2. Manuel Mendes  
Fonte: Autor desconhecido, propriedade e digitalização de José Alexandre Roseira, cortesia de Gaspar Martins Pereira

Manuel Joaquim Mendes (Lisboa, 1906-1969), escritor e jornalista com colaboração em importantes jornais e revistas, com destaque para «República», «Seara Nova», «Revista de Portugal» e «Vértice», foi também tradutor, crítico de arte e artista plástico, com publicações sobre os principais artistas e pintores de sua época, como Columbano, além de autor de romances, contos e outros textos de ficção, crónicas e memórias do quotidiano, prefácios e notas a traduções de sua mulher Berta Mendes, de obras clássicas editadas na Biblioteca Cosmos.

Enquanto escritor, era já publicado e conhecido embora não como grande figura, em obras antológicas do neo-realismo (1942), na primeira fase deste movimento literário e cultural afirmado entre finais dos anos de 1930 e 1950, sendo neste contexto assim

<sup>23</sup> REYNAUD, 2019: 34.

<sup>24</sup> OLIVEIRA, REYNAUD, 2019.

<sup>25</sup> BRANDÃO, 1959.

<sup>26</sup> REYNAUD, 2019: 39.

<sup>27</sup> REYNAUD, 2019: 38.

referenciado: «Manuel Mendes (que a crítica “avisada” sempre classificaria de “populista”）」<sup>28</sup>. Por essa altura, escreveu e publicou biografias de autores portugueses em que se contam *Antero de Quental* (1942), *Alexandre Herculano*, (1945), *Oliveira Martins* (1947) e, mais tarde, *Aquilino Ribeiro* (1960), seu mestre e amigo íntimo.

«Ligado ao grupo da “Seara Nova” e «frequentador assíduo de tertúlias políticas e literárias» conviveu com notáveis intelectuais e outras figuras de relevo nacional como «Raul Brandão, António Sérgio, Raul Proença, Jaime Cortesão, Câmara Reis, Mário de Azevedo Gomes»<sup>29</sup>. Foi amigo e divulgador de Raul Brandão, que teve como seu «mestre e paradigma literário»<sup>30</sup>.

No âmbito de sua intensa acção política e associativa, como político antifascista perseguido e preso, entre outras intervenções, participou no MUNAF (Movimento de Unidade Nacional Antifascista), foi promotor da criação do MUD (Movimento de Unidade Democrática)<sup>31</sup> e integrou as candidaturas de Norton de Matos (1948) e Humberto Delgado (1958) à Presidência da República<sup>32</sup>.

Segundo Mário Soares, reputado dirigente socialista e antigo presidente da República Portuguesa, camarada do escritor na resistência antifascista e luta política pela liberdade e democracia:

*Manuel Mendes foi um excelente escritor, hoje bastante esquecido, infelizmente. Além disso, foi uma personalidade fascinante, de uma imensa riqueza humana, político e conspirador intemerato contra a ditadura, amador de artes plásticas, escultor nas horas vagas, extraordinário contador de histórias divertidas, de humor simultaneamente enternecido e sarcástico, que passou a vida, desde rapaz, condenado a um completo ostracismo político, embora cercado de amigos e admiradores*<sup>33</sup>.

Foi, aliás, por intermédio de Soares e do amigo e companheiro de lides políticas, o médico e produtor duriense Luís Roseira, que Manuel Mendes, escritor de grande

<sup>28</sup> Cf. TORRES, 1983: 88.

<sup>29</sup> MENDES, 2002: 183-185.

<sup>30</sup> MENDES, 2002: 176.

<sup>31</sup> Organização política de oposição legalizada à ditadura fascista portuguesa, criada em 1945, em luta pelo direito à «liberdade de reunião, de associação e de imprensa» e pela seriedade nas eleições, mas dissolvida três anos depois pelo regime salazarista, diferenciando-se, mas colaborando pontualmente com o MUNAF, organização clandestina fundada em 1943. Manuel Joaquim Mendes, membro da maçonaria, foi um dos promotores da fundação do MUD, fez parte das estruturas dirigentes centrais e distritais de Lisboa e foi alvo de prisões. Aderiu à Resistência Republicana e Socialista, desde 1953, e à Associação Socialista Portuguesa (ASP), em 1964.

<sup>32</sup> *Apud* Nota biográfica institucional da Fundação Mário Soares em cujo arquivo se encontra o espólio de Manuel Mendes. Este situa-se entre as datas-limite de 1820 a 1988, documentos relativos às atividades políticas, literárias e artísticas do escritor, ou por si reunidos, circunscritos entre 1917 e 1969, com excepção da colecção de fotografias, dos documentos familiares e da correspondência recebida por Berta Mendes, enviada pelos amigos do casal, após o falecimento do marido e outros sobre a Casa-Museu de Manuel Mendes, constituída em 1977 (1950-1988). [Consult. 08 Jun. 2021]. Disponível em <[http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e\\_868#le\\_868](http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_868#le_868)>.

<sup>33</sup> MENDES, 2002: 15-19 (Prefácio de Mário Soares).



afectividade e sentido de humor, ficou intrinsecamente ligado à região duriense que calcorreou, conheceu e amou como poucos, e que descreve com deslumbramento e comoção, no seu *Roteiro Sentimental: Douro*, cuja dedicatória, aos filhos de Luís Roseira, espelha esta sua relação engajada com o ser e o sentir do Douro profundo:

*O Douro merece mais — merece tudo. Rincão admirável da fragueira terra portuguesa, é ao mesmo tempo um vivo frémito da sua alma. As proporções da montanha e a estatura do homem dessas bandas não se contemplam a frio, obrigam por força a cismar. Pouco tenho conhecido de tanta e tão impressionante grandeza<sup>34</sup>.*

Em síntese, a escrita de grande humanidade e sensibilidade social dos dois escritores em análise, expoentes do património literário duriense, destaca-se no vasto acervo cultural do e sobre o Douro, cujos estudos históricos e literários supõem o seu contributo comprometido com um íntimo e profundo conhecimento desta paisagem cultural vinhateira.

### **3. «MARCA DE ÁGUA» DO ALTO DOURO VINHATEIRO — PATRIMÓNIO MUNDIAL: CORPUS DOCUMENTAL**

*A literatura aparece-me como uma corrida de retransmissão. Cada um toma o testemunho das mãos do escritor que o precedeu. Não é possível voltar atrás nem mesmo permanecer no lugar<sup>35</sup>.*

A análise interpretativa dos textos e fragmentos mais paradigmáticos das obras seleccionadas nos escritores estudados em seus discursos literários próprios relativos ao Alto Douro Vinhateiro dos anos de 1920 a 1960 partilha do enunciado na epígrafe sobre literatura e inovação, perfilhando a concepção dinâmica aí defendida de retransmissão literária e passagem de testemunho.

Para Maria Angelina Brandão e Raul Brandão, nos anos de 1920, «o Alto Douro, a terra do vinho fino, é também a terra dos panoramas tétricos, dos sítios onde reina a febre, das povoações concentradas, recozendo ao sol a fealdade»; «sobre ossadas e destroços»; «sombras temerosas»<sup>36</sup>. Ou seja, fantasmas, espectros, rastros que a escrita brandoniana ressuscita do silenciamento a que são remetidos, num compromisso ético de testemunhar para impedir que se calem os mortos, a que subjaz um pensamento de spectralidade, de luto e de crença.

Ressonâncias desta mundivisão espectral de Brandão, vamos encontrar, já na década de 1960, em Manuel Mendes que, intertextualmente, se faz eco do sentido ético de

---

<sup>34</sup> MENDES, 2002: 23-24.

<sup>35</sup> SARRAUTE, 1964 *apud* COMPAGNON, 2021: 178.

<sup>36</sup> BRANDÃO, 1985: 61.

justiça de seu mestre face ao esforço ingente dos trabalhadores anónimos, em contraste com a riqueza que produzem no Douro: «Quanto esforço insano e miséria cabem num cálice de vinho fino do Douro, deste vinho que há séculos ganhou reputação no mundo! Na sua transparência de âmbar, nada disto se adivinha»<sup>37</sup>.

Na verdade, podem encontrar-se, apesar das diferenças, várias afinidades entre Raul Brandão e Manuel Mendes, escritores e jornalistas intrinsecamente ligados ao Douro, que conheceram, amaram e descreveram além da epiderme, com fervor e respeito, cada um em seu registo literário próprio: o primeiro, próximo do modernismo e de grande modernidade, com um olhar íntimo e reflexivo; o segundo, viandante cidadão, afim do neo-realismo, de olhar nómada e ardente acalentado por seu mestre Brandão, num «deslumbramento inesquecível»<sup>38</sup>.

Focamo-nos em primeiro lugar no livro *Portugal Pequenino* (1930) de Brandão e sua mulher Maria Angelina, dedicado pelos autores «aos filhos dos outros», cujas personagens são duas crianças: «ele, o Russo de Má Pelo, filho do amo onde ela, a Pisca, serve». Aí, «a impressionante descrição das paisagens raramente aparece dissociada da humanidade que as habita»<sup>39</sup> e, ao mesmo tempo, «o rigor descritivo e etnográfico combina-se com o intenso visualismo da linguagem tão atenta aos cambiantes cromáticos como aos contrastes violentos na permanente busca de uma síntese entre a fidelidade ao real (assinalada muitas vezes por um simples detalhe que o exacerba) e a relação da sua essência espiritual»<sup>40</sup>. Nesta escrita magistral de índole modernista, o capítulo desta obra *Duas gotas de água* (pp. 71-86)<sup>41</sup> sobre as paisagens naturais e humanas do Douro Vinhateiro permite vivenciar de perto a dura faina fluvial, a ruralidade tradicional ainda dominante na região, já ameaçada pela linha férrea oitocentista e o despontar das chaminés e fumo das fábricas na aproximação ao Porto urbano e fremente de negócios. Contrastes e mudanças representadas e sugeridas em dinâmica pictural e sensorial de «colorida visão».

À análise dialógica dessa memorável narração brandoniana da paisagem natural e humana do Douro na década de 1920 segue-se a análise das «representações sociais» em *Roteiro Sentimental, Douro* (1964-1967), de Manuel Mendes, livro a que o autor se refere como «caderno de crónicas», escrito em «páginas de estudo e evocação [...] com verdadeiro aprazimento de etnógrafo amador»<sup>42</sup>, porém já considerado «um dos mais belos e sérios roteiros da região»<sup>43</sup> e assim sugestivamente apresentado numa vertente histórica.

<sup>37</sup> MENDES, 2002: 128.

<sup>38</sup> MENDES, 2002: 175-180.

<sup>39</sup> REYNAUD, 1995: 241.

<sup>40</sup> REYNAUD, 1995: 233-243.

<sup>41</sup> Cotejar esta versão do texto com versões das entradas do *Guia de Portugal* (dirigido por Raul Proença, amigo de Brandão, da Renascença Portuguesa e do Grupo da Biblioteca Nacional), reeditadas nas edições da Fundação Calouste Gulbenkian. ROSA, 2013.

<sup>42</sup> MENDES, 2002: 82.

<sup>43</sup> MENDES, 2002: 11 [Apresentação de Gaspar Martins Pereira].

*Estas crónicas são as histórias e as impressões que o autor recolheu, em contacto com a gente humilde da Região — rurais, pescadores, barqueiros (os que atravessam o rio de um lado para o outro), marinheiros (os que traziam o vinho do Alto Douro até à Foz), profissionais de vários ofícios, alguns hoje em vias de se perder, contadores populares de histórias, memórias esparsas da Região. [...] Escritas entre 1961 e 1963, estas crónicas de viagem constituem o testemunho de uma época em que o Douro mantinha ainda uma imagem fortemente marcada pela tradicionalidade, bem próxima da que nos deixaram os registos fotográficos da Casa Alvão ou da Foto Beleza para os anos trinta e quarenta, ou mesmo de Emílio Biel para o início do século XX, mas em que já se entrevêem processos que viriam mudar, indelevelmente, nessa década e nas seguintes, a paisagem física e humana da região. Nessa perspectiva pode considerar-se um testemunho histórico<sup>44</sup>.*

O conjunto destas crónicas, impressivas e solidárias com os mais humildes e esforçados da região, escritas numa prosa límpida e culta de feição neo-realista<sup>45</sup>, entretece-se de memórias e depoimentos de trabalhadores do Alto Douro, documentos recolhidos por Manuel Mendes, tal como Brandão, onde numa elegia sofrida ao trabalho árduo sobrelevam os actores de carne e osso, obreiros anónimos das paisagens durienses. Aí se identificam «representações socioculturais» ancoradas na historicidade densa e tradição identitária de um Douro ainda antigo, mas já em transformação na diversidade emergente de alterações técnicas, económico-sociais, institucionais, demográficas, paisagísticas e culturais que se irão afirmar pós-anos de 1960<sup>46</sup>.

A abordagem substantiva que agora se vai fazer aos textos literários destes autores, em suas visões diferenciadas e complementares do Douro, inspira-se nos anteriores fundamentos introdutórios e é informada pela noção de «cronótopo artístico», metáfora do «espaço-tempo» de Einstein.

*Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível, o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história, [...] o processo de assimilação do cronótopo do tempo, do espaço e do indivíduo histórico real que se revela neles — têm fluído complexa e intermitentemente<sup>47</sup>.*

---

<sup>44</sup> MENDES, 2002: 11 [Apresentação de Gaspar Martins Pereira].

<sup>45</sup> Cf. TORRES, 1983: 88.

<sup>46</sup> Cf. GUICHARD, ROUDIÉ, PEREIRA, *coords.*, 2019.

<sup>47</sup> BAKHTIN, 1988: 211-362.

### 3.1. Aproximação ao Douro com Maria Angelina Brandão e Raul Brandão (1930)

O discurso literário de Raul Brandão, «poeta da prosa», no dizer de Jorge de Sena, que assinala «a sua visão arrebatadora da humanidade» e «a violência da sátira social directa e amarga»<sup>48</sup>, faz-se no cruzamento entrecortado de vários planos, de zonas descontínuas e de convecção que apelam assim a dimensões e conhecimentos múltiplos. Parecendo inicialmente saído de um sonho espraia-se por grandes extensões onde a luz impera sob sombras<sup>49</sup>. Não segue a lei da causalidade nem o operador do terceiro excluído, princípio de razão, o que o torna precursor da modernidade e do pensamento contemporâneo.

Como nenhum outro autor, Raul Brandão escreveu páginas únicas e memoráveis sobre os «espaços-tempos» do Douro e «o indivíduo histórico real que se revela neles»<sup>50</sup>, tendo-nos legado um património literário, cultural e histórico ímpar de suas ambiências socioculturais e ambientes ecofísicos (territórios, climas, solos, faunas, floras).

A escrita literária de Raul Brandão, embebida de outras formas de linguagem como a pintura, a fotografia e o cinema, que então se popularizava, trabalha, em elementos naturalistas e simbolistas de que foi pioneiro e em linguagens impressionistas e expressionistas, «paisagens naturais, sociais e humanas», como as do Alto Douro Vinhateiro. Possibilita entrever no Douro: a prodigiosa acção em redes locais e efeitos globais do trabalho de homens, mulheres e crianças em confronto com a geomorfologia de terrenos rochosos, refeitos, na longa diacronia, por mão humana.

O que distingue e surpreende na escrita de Brandão é a sua própria colocação no que descreve e narra, compondo as impressões que as coisas lhe dão, como sentimento, e dando-as a ver em composições de linguagem, ora intensamente estáticas ora em movimentos rápidos, apreendendo as mutações no material impressionado. Não reproduz um real que sempre segue suas linhas de desenvolvimento, mas constrói, na linguagem, a realidade do que dá a ver. Chega a criar o efeito de que é a própria escrita que segue a sua linha de desenvolvimento, disseminando-se, sem que o autor a possa conter, nem, aliás, o queira. Aí, é o movimento descontínuo, a fragmentação dos fenómenos, a incerteza e a imprevisibilidade do mundo que nos são espantosamente reveladas.

Exige então uma abordagem cronotópica, em que se destacam «as relações dialógicas existentes nos enunciados concretos elaborados no processo da interação socio-histórica»<sup>51</sup>, a qual permite uma análise comparativa entre as duas espaciotemporalidades que nos surgem ancoradas em «cronótopos artísticos» identificados nos textos literários.

---

<sup>48</sup> SENA, 1978.

<sup>49</sup> VIÇOSO, 1999.

<sup>50</sup> BAKHTIN, 1988: 211.

<sup>51</sup> MACHADO, 1996: 89-105.

### 3.1.1. Cronotopia<sup>52</sup> e interacção dialógica

No cronótopo artístico-literário, categoria formal e de conteúdo, derivada do espaço-tempo da teoria da relatividade einsteiniana, ocorre, segundo M. Bakhtin (1895-1975), teórico do «formalismo russo», a fusão dos indícios espaciotemporais, nos quais se revela o indivíduo histórico real, num todo compreensivo e concreto, tal como sucede no conhecimento histórico, cujos pilares são tempo, espaço e acção humana.

Esta perspectiva histórico-filosófica de «espaço-tempo aberto e colectivo, de liberdade e criação humana»<sup>53</sup>, que acompanha «a inscrição e materialização do tempo no espaço da representação»<sup>54</sup>, é caracterizada pela interdisciplinaridade, diversidade e heterogeneidade próprias do pensamento inovador de M. Bakhtin, para quem o escritor é aquele que sabe trabalhar a língua, estando fora dela, que tem o dom do falar indirecto; exprimir assim, significa fazer de si objecto para o outro e para si mesmo [e em que] as relações dialógicas [são] relações «semânticas» entre toda a espécie de enunciados na comunicação discursiva<sup>55</sup>.

Também em Raul Brandão «uma mesma língua é coabitada por falares diversos, linguagens sociais dinâmicas que se cruzam atravessadas pelo social e pela história»<sup>56</sup>. A estrutura da linguagem verbal pressupõe o diálogo entre diversos sujeitos, com a consciência de que a linguagem é sempre herdada, estando o escritor imerso numa língua de muitos falantes (vivos e/ou mortos, «fantasmas», antepassados e os ainda por vir). Daí que a dialogia seja a matriz do seu discurso literário que se revela por posições estruturadas contrastantes mediadas pelo «sonho que transforma o homem e que é, para Brandão, o essencial na vida»<sup>57</sup>.

O dialogismo brandoniano é frequentemente impregnado de cronótopos que dão a contextura espaciotemporal onde se movem sujeitos históricos, especialmente, os humildes, esforçados e anónimos — trabalhadores, mulheres em destaque e crianças —, que nele são os próprios desencadeadores do discurso literário. No caso concreto destas suas duas obras, o dialogismo atinge desde logo a própria autoria de *Portugal Pequenino* e do capítulo *Duas gotas de água* sobre o Douro.

O cronótopo organizador no Douro é o ciclo da água, figurando a fragilidade de duas gotas que engrossam até ao caudal do rio que rompe o pedregulho interposto na sua cavalgada para o mar, a do homem e da mulher que se obstinam em armar o terreno em socalcos e subsistência duríssima, para que, do esmagamento das uvas, brote o vinho fino qual sangue bíblico: «Que diabo de figura é esta, para quem olho com respeito,

---

<sup>52</sup> BAKHTIN, 2010: 307-335.

<sup>53</sup> FIORIN, 2006; MAGALHÃES, 2007: 210-215.

<sup>54</sup> RODRIGUES, 2013.

<sup>55</sup> BAKHTIN, 2010: 307-335.

<sup>56</sup> PIRES, KNOLL, CABRAL, 2016: 119-126.

<sup>57</sup> MARTINS, 2018: 62.

que se atreveu com o pedregulho e o abriu a marreta e a ferro, e às vezes a dinamite, até pulverizar o chão para lhe meter os bacelos?»<sup>58</sup>.

Ainda sobre o Douro, identificam-se neste texto literário brandoniano os seguintes cronótopos secundários: cultura vitivinícola; caminho/via fluvial; faina fluvial; metrópole/porto de chegada e de partida.

No cronótopo da cultura vitivinícola, o Vale do Douro, «de que o homem obstinado extrai a melhor fruta do mundo e o melhor vinho do mundo o líquido dourado que sabe a sol e é um extracto de sol»<sup>59</sup>, surge-nos em:

*cenários sobre cenários nos dias soturnos em que o fraguedo lhes parecia ainda mais trágico, com o rio esganado entre pedras e montanhas socalcadas pelo homem, para aguentarem alguns bocados de terra a esboroar-se. O Alto Douro, a terra do vinho fino, é também a terra dos panoramas tétricos dos sítios onde reina a febre das povoações concentradas, recozendo ao sol a fealdade*<sup>60</sup>.

A dada altura, «as duas gotas de água» interrogam:

*Qual foi o segredo que fez produzir uma terra só ossos? A gente olha para os bagos de âmbar transparente, para os moscatéis que fazem chegar a água à boca, para os cachos dourados com uma pele muito fina, e custa-lhe compreender que seja a dor que produziu tudo isto. E é a dor da videira torcida ao sol, gritando maldição porque não consegue naquele cascalho, por mais que penetre com as raízes, encontrar algum suco. E a dor deste homem, que se sujeita, lívido de febre e com a magra companheira ao lado, a viver preso à terra maldita e abençoada. Sujete-se e range, obstina-se. Foi ele que a criou, pelo menos tanto como Deus, e que não encontrando água para regar, a substituiu pelo suor do seu rosto. Negra vida. Como resistiu à labareda? Como pôde viver dentro daquele forno? Amando a terra*<sup>61</sup>.

Na genial composição literária desta narrativa, os sujeitos de enunciação, duas gotas de água, transformam-se em contacto com ínfimos fios de água, lama, gelo, nevoeiro, riachos, pequenos ou grandes caudais do rio Douro e percolam os enunciados o mais dentro possível da materialidade que se descreve e narra. Isto sem nunca se perder a sua frágil e periclitante identidade nos avassaladores obstáculos até chegar ao mar largo, permitindo, assim, retraçar o trajecto da penosa e grandiosa produção do vinho até ao porto da sua exportação para o mundo.

<sup>58</sup> BRANDÃO, BRANDÃO, 1930: 72-73 [capítulo *Duas gotas de água*].

<sup>59</sup> BRANDÃO, BRANDÃO, 1930: 71-86.

<sup>60</sup> BRANDÃO, BRANDÃO, 1930: 74.

<sup>61</sup> BRANDÃO, BRANDÃO, 1930: 72-73.

*Deslizaram na água entre pedras, num rio de estanho fundido, que parecia correr sobre ossadas e destroços. Às vezes cachões, redemoinhos, dornas. Um dia estiveram para desaparecer abafados na água, perdido de todo um resto de individualidade. Saltaram na espuma, irizou-os o sol, e foram ter a um côncavo na areia onde repousaram. Livres de perigo? Uns pássaros vieram beber e por pouco os não engoliram. Eram os corricões que vivem na duna, da cor da areia, e que quando vêem gente se deitam de pernas para o ar — dizem os barqueiros — sendo difícil distingui-los do chão. [...] Escaparam por milagre e lá voltaram a descer o Douro que ia alargando<sup>62</sup>.*

Outro cronótopo é o do caminho ou da via fluvial percorrida pelos barcos rabelos, etnograficamente descritos e que Raul Brandão acompanha «entre montanhas de bronze que põem a alma negra e que estão à espera que se passe uma tragédia», descrevendo como se estivesse a fotografar todas as componentes dos barcos rabelos, pipas, pedras e olhos de água e ao mesmo tempo a filmar gestos, movimentos, ventos dos vales, redemoinhos, equilíbrios de arrais e marinheiros «à escota arriscando a vida, remando agarrados às pás».

*São estes barcos estrambóticos que fazem todo o tráfego do Douro. Carregam pipas, cortiça, casca, madeira, gente; e quando vem o Inverno e “anda o rio grande”, o movimento nunca se interrompe. Os homens intrépidos, de pé sobre a pégada — o nome da gaiola onde vai o arrais —, manobram com decisão a espadela, metendo a charroa na água e imprimindo direcção ao barco. É preciso fazê-lo sem um movimento falso, sem um segundo de hesitação, nos sítios perigosos, descendo os galeiros como quem cai por uma corda abaixo [...]. Ali é que é vê-lo, ao barqueiro em ceroulas a manobrar a charroa na água como se quisesse lavar no campo! Quatro casqueiros, meia dúzia de cavernas, a gaiola em cima e o homem em equilíbrio na quitanda, tendo de descer lá do Alto até ao Porto com aquelas pipas todas, agarrado à espadela, olho na água, olho nas pedras agudas como dentes [...]. O barco oscila, põe-se de pé — e ele lá vem, já desce. Como se aguenta? Arriscando a vida<sup>63</sup>.*

O terceiro cronótopo que faz a ponte entre o Douro rural servido pela via-férrea e o Porto urbano, comercial e industrial, exportador do vinho fino, define-se no movimento intenso e sonoro da faina fluvial duriense<sup>64</sup>, através de redes textuais cinéticas de diferentes planos e variadas cenas.

---

<sup>62</sup> BRANDÃO, BRANDÃO, 1930: 74.

<sup>63</sup> BRANDÃO, BRANDÃO, 1930: 71-86. Ver também *Guia de Portugal*, vol. IV, pp. 10-12.

<sup>64</sup> Contemporâneo do livro *Portugal Pequeno é Douro, Faina Fluvial* (1931), filme-documentário mudo de Manoel de Oliveira, na época do cinema sonoro em Portugal (1930).

*À medida que o rabelo desce — agora com serenidade e ao fio de água — melhor se avalia o trabalho das mulheres, do rapazio nu, dos pescadores que lançam a rede à tainha ou a físga à enguia (o sável e a lampreia sobem no seu tempo até à Barca de Alva), ou secam as redes nos varais; dos homens que carregam, atirando para os barcos o carvão, a chamiça, ou as maroixas de lenha rachada e amontoada nas margens. Tudo trabalha, e é para o Porto que sustenta o lavrador e o homem do rio. Arrastam-se os pesados carvoeiros em flotilha, todos negros como pretos da Guiné. Serra-se a madeira, vomitam fumo as chaminés das fábricas, e lado a lado o homem e a mulher esbelta remam no mesmo barco. Tudo consiste em aproveitar a maré e o vento favorável. [...]*

*Estamos a dois passos da grande cidade. [...] Entre um rasgão do arvoredo avança para nós uma massa cinzenta e confusa com o recorte de uma igreja [...] numa miscelânea de casas de chaminés de fábricas, tudo enfumado e indeciso. Chega até ao barco o apito de um comboio. E pouco e pouco a cidade aproxima-se com uma auréola de cinza e prata e o rio empoado de roxo. Ao lado, em dois riscos, o arco da ponte de D. Maria e do outro lado, numa só tinta, o morro espesso de Gaia. Depois outra ponte. Da água um faiscar às chapadas onde arde lume dourado. Por fim, a Ribeira velha e carcomida, cheia de povo, de mulherio, de gritos [...]. Umas escadinhas, uma feira de fruta. Desembarcamos no Porto<sup>65</sup>.*

Este cronótopo artístico é atravessado por uma condensada reflexão sobre o processo socio-histórico e político impregnado de sátira social, culminando numa projecção de pendor messiânico, próprios do inconfundível estilo literário brandoniano.

*As duas gotas de água saíram do rio com o nevoeiro e foram passear pela cidade. Viram a praça e aquelas ruas íngremes uma de cada lado — a dos Clérigos com um grande dedo apontado para o céu, como se esta cidade utilitária e prática fosse uma cidade franciscana, e na praça a estátua de um homem a cavalo que nunca consegue sair do mesmo sítio. Quem foi? Foi um ingénuo que quis dar ao seu país a liberdade, quando o seu país não se importava com a liberdade para nada. Então deu-lhe a força; deu-lhe a Carta que os homens trataram como um trapo. Rodeavam-no algumas figuras excepcionais, um Mouzinho da Silveira, um Herculano, um Garrett, que tentaram renovar o país com ideias, livros, leis, reformas, esquecendo-se do principal — de o ensinarem a ler. E é um problema cuja solução legamos ao futuro<sup>66</sup>.*

<sup>65</sup> BRANDÃO, BRANDÃO, 1930: 75-85. Cotejar com *Guia de Portugal*, vol. IV, pp. 532-534.

<sup>66</sup> BRANDÃO, BRANDÃO, 1930: 85.



Um quarto cronótopo em que ressalta a presença do indivíduo histórico no tempo-espaço identifica-se num fragmento cenográfico em torno da metrópole comercial de aspiração mundial, escondendo-se e deixando-se vislumbrar entre contrastes.

*O nevoeiro sobe, ascende dá a esta cidade de trabalho, em que o burguês é rei, com a porta fechada e o dinheiro na burra — o seu verdadeiro carácter [...]. Há nesse Porto, filho do rio e do mar, poentes extraordinários apertados entre os paredões formidáveis das margens [...]. Outra vez a cerração desaparece. Poviléu. Ruelas. A Sé acastelada com varandas de granito e serpentes feitas pelos pedreiros. A Misericórdia com paredes monstruosas [...], subterrâneos onde se passam decerto coisas terríveis entre a doença e os doentes, [...] a noite procede por grandes massas confusas ascendendo dum lado desde o Barredo até ao Paço Episcopal; do outro desde o fundo até uma mescla assombrosa, que parece despenhar-se, picada de lumes, no rio cheio de grandes barcaças, de vapores ancorados, de confusão e riscos inexplicáveis. [...] Constrói-se a essa hora uma cidade estranha e desmedida, sórdida e esplêndida, uma cidade [...] que, se não é a mais bela, é a mais pitoresca que conheço no mundo, só me recordando de outra que me tenha feito igual impressão — o Pequim alucinatório descrito por Fernão Mendes Pinto<sup>67</sup>.*

A aproximação dialógica ao Douro em Raul Brandão permitiu observar a inserção da história nos textos literários estudados, à luz de que, «na literatura, a imagem representa os fenómenos espaciais e sensoriais no seu movimento e na sua transformação, introduzindo no plano artístico da ficção os momentos essenciais da realidade temporal e, até um certo limite histórico»<sup>68</sup>. A análise ensaiada sobre a projeção ficcional polifónica e performativa da escrita universal brandoniana possibilitou uma abordagem cultural impressiva ao território duriense em sua paisagem física e humana, a partir dos «cronótopos artísticos» aí identificados, a qual permitiu intuir e sublinhar alguns dos seus recursos da região em transformação, a potenciar à escala global-local contemporânea.

### **3.2. Revisitação do Douro com Manuel Mendes (anos de 1960)**

Manuel Mendes, observador atento do Douro, com deslumbramento e crença, tal como Brandão em seu sentir de transmissão geracional na dedicatória de *Portugal Pequeno* aos «filhos dos outros», dedica o seu *Roteiro Sentimental, Douro* aos três filhos pequenos do amigo e companheiro da oposição democrática, Luís Roseira. Nestes representantes simbólicos de uma nova geração de empreendedores entusiastas de um «Douro moderno, aberto ao mundo e consciente do património, da arte e da tradição de fazer

---

<sup>67</sup> BRANDÃO, BRANDÃO, 1930: 85-86.

<sup>68</sup> BARBOSA, 2007: 1-9.

vinhos de renome universal durienses»<sup>69</sup> viria a destacar-se o «micro produtor-engarrafador» pioneiro José Alexandre Roseira, que, «com o pai, se empenhou na criação da Associação de Produtores Engarrafadores de Vinhos do Porto e Douro (AVEPOD), em 1986». Com a veneração que dedicou a Manuel Mendes, criou e lançou «um vinho puro» nomeado, em sua honra, *Roteiro Sentimental*, «um vinho biológico, de castas fortes — Touriga Nacional, Sousão e Touriga Franca, a que sempre chamou Flor do Douro»<sup>70</sup>.

No caso de Manuel Mendes em que a escrita/produção da obra assenta na sua apropriação da modernidade da escrita brandoniana e da estética neo-realista em osmose forma-conteúdo, atente-se na sempre necessária mediação autor-leitor no seguinte fragmento da dedicatória de *Roteiro Sentimental, Douro*, em que o autor, buscando atingir a sensibilidade dos leitores, se refere assim, auto-reflexiva e criticamente, à construção deste seu livro:

*de certo desconexo, parcial, restrito na visão, quem sabe se em alguns passos incompreensível, porque embora com devoção, nem sempre é fácil entrar na alma das coisas. Sinto que aqui me ponho a titubear a história desses montes e desses homens; ali eu erro acaso na soma dos valores; e muitas vezes acode-me a dúvida se na oração acertei de facto com o nome predicativo do sujeito*<sup>71</sup>.

Assim, também o estudo que o historiador faz da obra literária supõe distinguir entre «ficção» e «verdade», elementos centrais da criação/produção ficcional sem destruir a sua condição. Supõe então perceber o tempo histórico enquanto «representação intelectual»<sup>72</sup>, um tempo «que não decorre com regularidade» — como sublinhou Raul Brandão em suas *Memórias*, nas quais o tempo cronológico se afirma ou se suspende<sup>73</sup>.

Tal entendimento permite perceber como, em diferentes lugares e momentos, uma dada realidade social é construída, pensada e dada a ler, e observar como as sociedades deixam sua marca no mundo, o que exige da história um retorno interpelativo sobre o seu estatuto e supõe considerar o processo e referenciais socioculturais da produção do autor.

Ora o movimento artístico e literário do neo-realismo português, em que se pode enquadrar Manuel Mendes, é «uma linguagem narrativa ou poética comprometida com a transformação do mundo, o que pressupõe simultaneamente o modo idiossincrático como o autor se implicou, no plano ideológico e no da escrita, nessa prática de dizer universos alternativos» à realidade coetânea de que fala numa «mensagem perene [que é] o direito de todos à dignidade»<sup>74</sup>.

<sup>69</sup> PEREIRA, 2021: 298-306.

<sup>70</sup> PEREIRA, 2021: 298-306.

<sup>71</sup> MENDES, 2002: 23.

<sup>72</sup> REIS, 2011: 1-21.

<sup>73</sup> LAGE, 2018a: 148-162.

<sup>74</sup> VIÇOSO, 1959.

Estas crónicas jornalísticas de Manuel Mendes, escritas em jeito breve, leve e envolvente, descrevem num tom intimista e comprometido de larga visão social e cultural, as andanças, vivências e impressões do escritor assim sintetizadas no seu *Roteiro Sentimental*<sup>75</sup>. A partir de «São Salvador do Mundo», «No Douro, diante de cujo trabalho e sacrifício temos de nos curvar com respeitosa admiração»<sup>76</sup>, até à velha urbe do Porto, segue-se pelo «Douro Abaixo»<sup>77</sup>, na força da sua impressionante grandeza, mundo prometedor, com um passado varonil de trabalho, um presente de incerteza e a esperança promissora no seu futuro, em «Viagem»<sup>78</sup>, digressão resplandecente, de três belos dias de jornada; para lhe conhecer a identidade — «O Rio»<sup>79</sup>, grande via de comunicação fluvial, vivo símbolo da região que ele corre, com «Os barcos e os marinheiros»<sup>80</sup>, mestres e arrais dos rabelos, cicerones de antiga jornada, donde passa a outras «Perspectivas»<sup>81</sup> de horizontes físicos e humanos das paisagens durienses em alterações que se pressentem.



Fig. 3. Fotos de Manuel Mendes na descida de barco que o escritor descreve no *Roteiro Sentimental* (e também do Douro e do barco rabelo, nessa altura). Fonte: autor das fotografias desconhecido (digitalizações oferecidas, há cerca de dez anos, por José Alexandre Roseira a Gaspar Martins Pereira. Cortesia de Gaspar Martins Pereira, a quem se agradece)

Emergem aí em transformação latente e novos usos da paisagem natural e humana, mudanças económico-sociais, desde a abertura de estradas, passando por alguma emigração até ao lento despontar do movimento das adegas cooperativas nascentes na década de 1950.

Todas essas crónicas de viagem constituem uma incursão humana e profunda na região duriense dos inícios da década de 1960, traduzindo reflexões confiantes sobre a vida social, política e económica, e estão intimamente relacionadas com as transformações sociais e a valorização da história social das populações, classes e grupos sociais durienses e transmontanos.

<sup>75</sup> Cf. MENDES, 2002 [Índice].

<sup>76</sup> MENDES, 2002: 27-36.

<sup>77</sup> MENDES, 2002: 37.

<sup>78</sup> MENDES, 2002: 39-45.

<sup>79</sup> MENDES, 2002: 52-59.

<sup>80</sup> MENDES, 2002: 37-65.

<sup>81</sup> MENDES, 2002: 59-65.

Dão assim forma a um testemunho histórico projectado no futuro, que traça em apurado estilo literário um quadro assaz complexo e vivo do Alto Douro Vinhateiro, onde permanece uma diversidade de aspectos, tais como: «Os mortórios»<sup>82</sup>, ruínas da floxera «como as que deixa a guerra nas suas razias», onde a terra heróica volta a florir; «A Cheia»<sup>83</sup> do rio encolerizado, a paisagem espectral, desolada do Pinhão à Foz do Douro; os antigos officios, «honra seja feita aos Pedreiros destes lugares», manifesto gosto de artista, cujas armas e arte transmitiram aos filhos<sup>84</sup>; tradições ancestrais — consoada, vindima, alheira<sup>85</sup>.

Sublinham ainda algumas destas crónicas, qual arqueologia bibliográfico-documental, a importância de todo um património cultural legado por figuras literárias e artísticas de nomes memoráveis, «espíritos tutelares» do Douro profundo que por aqui pairam, *rastros* que o escritor reconstitui e sucintamente cartografa.

Aí se podem visitar de passagem, à luz de uma filosofia político-literária, «conceptos», «perceptos» e «afectos»<sup>86</sup>, em algumas breves notas críticas ao romantismo e, mais detalhadamente, noutras breves evocações literárias que o escritor, artista plástico e crítico de arte Manuel Mendes inventaria através das seguintes «representações socio-culturais»:

- obras, mapas e andanças do célebre Barão de Forrester<sup>87</sup>;
- o convencional livro *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz, com belas páginas de descritivo paisagístico inspirado pela natureza destas terras<sup>88</sup>;
- Camilo Castelo Branco, o foragido no Douro em sua constante trepidação humana que dá grandeza à sua obra<sup>89</sup>;
- saudação à vasta e rica obra de Aquilino Ribeiro<sup>90</sup>, numa aldeia encravada nos fragedos e serranias do Douro, idêntica energia simples, brava e admirável, igual sentimento em que se une a terra e o homem que a trabalha;
- em romagem de Barca de Alva à casa e quinta da Batoca do escritor Guerra Junqueiro, símbolo de irreverência e rebeldia e lavrador vinhateiro moderno do Douro Superior<sup>91</sup>, «que imprimiu à paisagem revolta a mesma grandeza inabalável de alma, com a mesma visão desmedida das coisas»;

---

<sup>82</sup> MENDES, 2002: 141-148.

<sup>83</sup> MENDES, 2002: 93-99.

<sup>84</sup> MENDES, 2002: 131-139.

<sup>85</sup> MENDES, 2002: 75, 101, 119.

<sup>86</sup> DELEUZE, GUATTARI, 2001: 8. Ver também DELEUZE, GUATTARI, 1990.

<sup>87</sup> MENDES, 2002: 85-92.

<sup>88</sup> MENDES, 2002: 109-117.

<sup>89</sup> MENDES, 2002: 69-74.

<sup>90</sup> MENDES, 2002: 149-156.

<sup>91</sup> MENDES, 2002: 165-172.

- até aportar na foz do rio Douro e parar na Cantareira<sup>92</sup>, lugar histórico de vida-obra de Raul Brandão, «onde conviveu sobretudo com os pescadores, seus irmãos de sangue e desventura», íntimo de Manuel Mendes, que o venera e cuja obra assim consagra:

*Ouç-lhe distintamente a voz, porque cada vez os seus livros me parecem mais repassados de amarga e deslumbrante poesia — porventura o maior poeta da sombra e da dor que cantou ainda em língua portuguesa. [...] Quero-lhe como a uma velha e adorada estampa de família, tanto a obra do grande escritor me encheu e empapou a alma. E, se aqui venho, é decerto para melhor o evocar, sentir de novo e junto de mim a sua amiga e comovedora presença*<sup>93</sup>.

Estas crónicas de elevada sensibilidade humana e apurado sentido ético-estético literário constituem-se ainda como um hino ao grandioso trabalho dos homens e das mulheres durienses e uma elegia pré-ambiental aos ciclópicos paredões do coração do Alto Douro, representações sociais e culturais com que Mendes compõe estas «paisagens — memória», híbridas de natureza-cultura.

A esta luz, impressiona-nos pensar a monumentalidade dos vinhedos do Douro em seus antigos e renovados esforços de construção de geios, socalcos, muros e muretes de xisto e outras armações recentes do terreno — matriz estrutural e física desta paisagem-mosaico (natural, humano, cultural, paisagístico e económico-social) diversificada e profundamente humanizada como se depreende destes fragmentos do *Roteiro Sentimental*.

*A penedia foi reduzida a cisco, alinhada nos geios, e o monte já não capricha nas suas brutas fantasias — domou-o a mão pertinaz do homem, como lho exigiam as necessidades e porventura o seu amor e gosto. A montanha sujeitou-se à obediência de uma vontade prodigiosa, deixou de figurar tal como o génesis a pariu — submeteu-se, fez-se instrumento útil, expressão do trabalho organizado, compreensível nos seus objectivos, e não apenas beleza desabrida, gratuita e inumana. A lava de que é feita a serra do Alto Douro foi esculpida, parece que à força de cinzel. [...] De alvião ou marreta em punho, pancada a pancada, o ferro vai penetrando até fender a laje, que depois de moída, desfeita em cascalho miúdo, compõe a terra dos geios, tão grata à vinha duriense — plantio que Junqueiro dizia nutrir-se, florir e criar os frutos à força de lava e fogo*<sup>94</sup>.

---

<sup>92</sup> MENDES, 2002: 173-180.

<sup>93</sup> MENDES, 2002: 78, 180.

<sup>94</sup> MENDES, 2002: 134-135.

Capta-se assim a arte rústica perfeita do trabalho minucioso e geométrico dos geios — referência fundamental na paisagem cultural do ADV —, «na beleza do seu traçado», «manifesto gosto de artista» dos pedreiros galegos e nacionais em que assenta a profunda transformação da pedra em solo fértil para a produção vitivinícola, principal valor económico-social duriense.

*O pedreiro do Douro põe no trabalho deleitação, esmera-se em ser perfeito no seu acabamento, amontoando pedra sobre pedra com se compusesse um mosaico [...]. Já na maneira como a ajusta, sem prisão de qualquer argamassa, laje sobre laje, com o amparo e segurança da brita miúda que a calça, ele dá evidentes mostras de apreciar os valores e os recursos naturais da matéria-prima com que trabalha<sup>95</sup>.*

Este sublime empreendimento de construção de muros e muretes de xisto que ainda hoje travam os antigos socalcos durienses exigiu uma divisão social do trabalho manual em que se destaca o significativo esforço das mulheres no desempenho da função do carregamento da pedra no local da obra, contributo feminino como assim releva Manuel Mendes:

*Pelo monte, as mulheres acarretam à cabeça as pesadas lajes que juncam o chão da obra. É um trabalho violento que lhes pertence e elas sofrem com resignação, pois lhes é vital acrescentar com a sua jorna os ganhos de que tão miseravelmente vivem — um pouco mais de untura para o caldo com que criam muitas vezes ranchos enormes de filhos. E horas sem conto, monte acima, monte abaixo, à torreira do sol estival, que queima como fogo, ou pelos frios dias de inverno, são as mulheres que fazem este carregamento, na grande maioria dos casos para locais onde não há caminhos, nem pode chegar carro de bois. Algumas dessas lajes pesam como chumbo, parecendo esmagar as pobres, que sob elas vergam, gemem, com os músculos tensos, as cordo-veias prestes a rebentar<sup>96</sup>.*

As análises diferenciadas que privilegiaram o enfoque comparativo das evocações literárias e testemunhos históricos sobre a região duriense de Maria Angelina e Raul Brandão e Manuel Mendes permitem agora compreender melhor como e em que medida estes textos se podem constituir em «marca de água» de uma identidade e autenticidade genuínas do Alto Douro Vinhateiro — Património Mundial, hoje paisagem cultural vinhateira singular da Humanidade a pensar e debater em suas múltiplas potencialidades e novos horizontes.

---

<sup>95</sup> MENDES, 2002: 135-136.

<sup>96</sup> MENDES, 2002: 137.

Na linguagem literária, do historiográfico ao cultural, são as narrativas e os discursos próprios de cada um destes escritores que, observados numa óptica transdisciplinar em seus «perceptos», «afectos» e «conceptos»<sup>97</sup>, conferem legibilidade à região duriense na sua diversidade e polimorfia, qual palimpsesto em que a sua paisagem física e humana se constrói e metamorfoseia em função de circunstâncias naturais ou de interesses e opções político-económicas que a alteram constantemente como espaço identitário.

Conforme se acentuou noutra instância<sup>98</sup> e se pode intuir da argumentação desenvolvida:

*a harmonia equilibrada da paisagem do ADV dependeu, historicamente, de uma sabedoria ancestral de gestão artesanal de três fatores essenciais: declive elevado e fragoso do terreno; escassez de solo e água; dinâmicas naturais que garantiram à paisagem uma originalidade cultural polimorfa, uma «natureza» de mosaico multi-forme e policromático, alternando áreas agrícolas de matas e povoamentos florestais, o que lhe confere grande riqueza, e notável capacidade de sustentação*<sup>99</sup>.

Considerando os riscos a que a paisagem cultural do Alto Douro Vinhateiro tem vindo a ser sujeita e atendendo a algumas orientações do Plano Intermunicipal de Ordenamento do Território, o controlo dos principais problemas passa hoje por:

- eficientes sistemas de drenagem com recuperação de práticas tradicionais e adopção de soluções sem impacto na paisagem;
- estudo da viabilidade de novos tipos de armação do terreno (em patamares, forma actualmente mais corrente com grande evolução na sua organização, vinha ao alto, micropatamares que permitem a conservação de muros pré-filixéricos, etc.<sup>100</sup>.

No que concerne à conservação da polimorfia da paisagem, entende-se ser necessário:

- a definição de um paradigma de qualidade para a conservação da polimorfia da paisagem do Alto Douro Vinhateiro;
- planos de gestão e salvaguarda das explorações vinícolas que contemplem o plantio da vinha, as áreas de mato e património vernacular, bem como a atenção às dinâmicas naturais entre a manutenção de espaços de produção e protecção da paisagem;

---

<sup>97</sup> Significam-se assim actividades, objetivos e áreas diversas: o filósofo lida com conceitos; o cientista trabalha perceptos ou cria operadores para fazer experiências e obter resultados empíricos e concretos; o artista cria afectos a partir de imagens visuais, sonoras ou de outro tipo.

<sup>98</sup> LAGE, 2018b.

<sup>99</sup> LAGE, 2018b: 109.

<sup>100</sup> FAUVRELLE, 2007: 87-96.

- não destruição de muros de pedra, edifícios vernáculos, calçadas de pedra, mortórios, núcleos de vegetação (sub)arbórea<sup>101</sup>.

Nesta sustentabilidade da paisagem polimórfica do Alto Douro Vinhateiro importa redescobrir os socalcos do Douro como construção sociotécnica conformadora dos alicerces de uma paisagem histórica e da cultura intrincada na natureza, em suas múltiplas dimensões «naturais», «paisagísticas», históricas, sociais, económicas e técnicas. Qual arqueologia da paisagem cultural do Alto Douro Vinhateiro, permite revelar-lhe a tessitura de redes locais de seus rastros e desocultar-lhe algumas das mais decisivas (i)materialidades, em que não há senão híbridos de natureza e de cultura que se escalonam entre os dois extremos<sup>102</sup>.

Neste sentido, há que mediar experiências/experimentações concretas e generalizações/abstracções da paisagem e do património em suas dinâmicas múltiplas e diversidade de procedimentos antecipatórios na interligação de temporalidades diversas, como se pode depreender da seguinte constatação complexa, mas de grande abertura:

*objecto paisagem, condenado a deixar o trabalho incompleto, aberto, inacabado, impossível de contornar que implica na perspectiva da partilha da paisagem como bem comum, pôr o acento nas temporalidades que permite sair de uma paisagem concebida como fixa e inerte, prisioneira das políticas de patrimonialização e protecção, para a inscrever em dinâmicas naturais (se é que assim se podem distinguir), económicas, culturais e políticas e pô-la no centro de procedimentos de antecipação, o que pode então ajudar a abrir a brecha entre o passado e o futuro<sup>103</sup>.*

O entrelaçamento destas indagações densifica a investigação dos processos de construção da paisagem do Alto Douro Vinhateiro — Património Mundial e das suas marcas de autenticidade que lhe valeram a classificação de *paisagem cultural evolutiva e viva* (UNESCO, Dezembro de 2001) e se têm mantido, alicerçando a sua identidade cultural e continuando a conferir-lhe o seu especial fascínio.

Sendo certo que, como se procurou evidenciar na análise reflexiva e densa dos testemunhos histórico-literários de Maria Angelina e Raul Brandão e de Manuel Mendes, «as paisagens do Douro guardam argumentos e poderosas seduções, serenas, majestáticas, agitadas [...] como as paixões»<sup>104</sup>.

---

<sup>101</sup> FAUVRELLE, 2007: 87-96.

<sup>102</sup> RHEINBERGER, 2013.

<sup>103</sup> SGARD, 2011: 236.

<sup>104</sup> DOMINGUES, SOTTO MAYOR, 2009: 168.



#### 4. O DOURO DOS ANOS DE 1920 AOS ANOS DE 1960

Pudemos observar anteriormente, na interpretação analítica e por dentro dos testemunhos históricos e literários da paisagem física, humana e cultural do Alto Douro Vinhateiro, nas décadas de 1920 e 1960, um Douro latejante de vidas e trabalhos, mosaico de culturas e tradições, tal como representado nas imagens dos sucessivos registos fotográficos de Emílio Biel, da Casa Alvão e da Foto Beleza.

Conforme refere Natália Fauvrelle:

*ao longo do século XX as encostas durienses remodelaram-se de modo profundo, testemunhando a evolução da região que, neste período, se reinventou para vencer as dificuldades impostas quer pela Natureza quer pela conjuntura económica e social. As primeiras décadas do século são particularmente marcadas pelo efeito devastador da filoxera, praga que dizimou os vinhedos durienses a partir de 1863 e que impôs uma grande mudança na forma de construir a paisagem*<sup>105</sup>.

Nos inícios da década de 1920, o sector do vinho do Porto registava uma expansão do comércio, com o aumento das exportações, que se manteria quase até ao final da década. No entanto, a produção atravessaria uma das mais graves crises e «tal aspecto tomou a crise que os operários rurais ofereciam o trabalho pela comida. Ainda assim o vinicultor com dificuldade os aceitava»<sup>106</sup>. Aos baixos preços oferecidos pelo comércio — em consequência «dos enormes *stocks* acumulados em Gaia e da queda das exportações que se tornou mais evidente a partir de 1927»<sup>107</sup> — somavam-se as fraudes, com a crescente entrada de vinho do Sul nos armazéns de Vila Nova de Gaia. Seria, por isso, uma década agitada, do ponto de vista social e institucional, marcada por greves e manifestações no Alto Douro, exigindo a intervenção do governo na defesa dos interesses regionais<sup>108</sup>.

Face ao cenário de crise económica e social, as elites redobraram as suas iniciativas no sentido da intervenção do Estado e da reforma institucional e legal do sector. Por exemplo, em 1929, ano da Grande Depressão, que se faria sentir duramente sobre o Douro, os notáveis ocupar-se-iam a discutir o projecto de Lei de Salvação do Douro, de Amílcar de Sousa. Numa conjuntura de superprodução, agravada em 1927 com a elevação das taxas aduaneiras em Inglaterra, o que contribuiu para a limitação da exportação e avolumar de *stocks*, manutenção de preços baixos oferecidos ao produtor, fraudes nos mercados externos, falência de várias firmas em Gaia e carestia da aguardente, Amílcar de Sousa apresentava como solução a auto-suficiência em matéria de aguardente.

---

<sup>105</sup> FAUVRELLE, 2019: 363-364.

<sup>106</sup> ROSEIRA, 1992: 106.

<sup>107</sup> PEREIRA, 2003: 52.

<sup>108</sup> SEQUEIRA, 2011: 305-350.

Desde 1925 que Amílcar de Sousa defendia esta via para o desenvolvimento e estabilidade da Região. Preconizava, assim, a auto-suficiência do Douro pelo equilíbrio da sua produção: produzir vinhos generosos em proporção relativa à quantidade exportada no ano anterior, e destilação do vinho de consumo para produção de aguardente para benefício. Em 1929, o projecto de Lei de São do Douro originou debate intra-regional, a par da oposição do Sul e Gaia, da Comissão de Viticultura da Região do Douro, do Conselho Superior de Agricultura e da Comissão Central de Viticultura, não tendo sido possível a sua viabilização. Já em 1931, ano de grave crise no sector do vinho do Porto, Amílcar de Sousa endereçaria uma carta ao presidente da Associação Central de Agricultura, anunciando que pretendia reapresentar a Lei de Salvação do Douro, adaptada à nova conjuntura, embora ainda orientada por um caminho similar às leis pombalinas. O Douro vivia mergulhado numa crise de excesso, e a salvação continuava a ser, segundo o seu ponto de vista, produzir a própria aguardente e equilibrar a produção. Por isso, o espírito era ainda o mesmo, mas a formulação muito diferente, num projecto de lei condensado em apenas dois artigos, proibindo a entrada de aguardente encascada na região duriense<sup>109</sup>.

Perante as reivindicações regionais, a acção do Estado far-se-ia notar através da «criação de estruturas que visavam controlar e disciplinar as relações entre os vários parceiros do sector. Com esse objectivo, criou a Casa do Douro, o Grémio dos Exportadores e o Instituto do Vinho do Porto, instituindo, simultaneamente, uma política de preços mínimos, facilitando o crédito e disciplinando a concorrência»<sup>110</sup>.

Contudo, «os anos de 30 e 40 farão estagnar o vinho do Porto»<sup>111</sup>. «A década que vai de 1935 a 1945 foi duríssima para os viticultores»<sup>112</sup>. No contexto da Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, avolumar-se-iam as dificuldades nas exportações. Por outro lado, «as dificuldades de recuperação comercial do sector» no pós-guerra «repercutiram-se prolongadamente, sobre a região do Douro, acarretando uma diminuição das quantidades aprovadas para benefício e uma estagnação dos preços»<sup>113</sup>, levando a que a situação socioeconómica duriense fosse «geralmente reconhecida como muito má»<sup>114</sup>. Mas, apesar da conjuntura de crise, «foi nesse tempo que se deram os primeiros passos consistentes para a regularização da produção, com a discussão que resultaria, depois de 1950, na criação das adegas cooperativas»<sup>115</sup>.

Em 1949, a partir das *Bases de fomento e constituição das adegas cooperativas*, dava-se início ao movimento cooperativo moderno na região do Douro, «uma das mais

---

<sup>109</sup> SEQUEIRA, 2000: 106-121.

<sup>110</sup> PEIXOTO, 2019: 186.

<sup>111</sup> BARRETO, 1993: 100.

<sup>112</sup> BARRETO, CARVALHO, 2016: 30.

<sup>113</sup> PEREIRA, 2003: 56.

<sup>114</sup> BARRETO, 1993: 100-101.

<sup>115</sup> BARRETO, CARVALHO, 2016: 30.

importantes instituições da Região Demarcada»<sup>116</sup> enquanto «elemento essencial de apoio à produção dos pequenos agricultores, especialmente dos que produzem vinhos de consumo»<sup>117</sup>. Porém, só depois de meados dessa década, se assistiria à expansão do movimento das adegas cooperativas, na sequência da aprovação do *Plano das adegas cooperativas para a Região Demarcada do Douro*, elaborado pela Casa do Douro, em 1955.

Até finais de 1960, assistiu-se a um crescimento exponencial do número de cooperativas e associados<sup>118</sup>. No entanto, segundo Luís Roseira:

*todo o programa de desenvolvimento, não planificado das adegas cooperativas, fomentado e criado à sombra da «Federação» como suporte da organização corporativa, independentemente do isolamento de outras formas de cooperativas (consumo, crédito, etc.), não assenta numa imprescindível doutrinação e formação de quadros. Peca, além de muitos outros defeitos, por uma deficiente cobertura das zonas dos vinhos mais qualificados. Ora, a recusa inicial do comércio causa confusão — ou pânico? — quanto à validade dos processos técnicos empregues e provoca nítida paragem na cobertura das zonas de vinhos de primeira, tanto mais que se teimou em não conceder às cooperativas de generosos a imprescindível diversificação estatutária em relação às de vinho de consumo»<sup>119</sup>.*

Além disso, o comércio:

*aliado à tentação da formação da rede das cooperativas e à introdução de novos processos de vinificação [...] no sentido de, «fazendo o negócio todo seu» procurou «impedir a lavoura de vir a comercializar directamente os seus vinhos», o que inevitavelmente aconteceria quanto a cobertura da região pelas cooperativas atingisse determinada capacidade e difusão [...], dotada de poderes de venda directa dos vinhos dos seus associados — generosos e lisos — como indevidamente o vinham fazendo as cooperativas de consumo. Isto é, estavam lançadas as bases materiais mínimas para se executar uma política de reorganização da nossa lavoura, com possibilidade de trilhar um caminho que colocasse o consumidor em contacto directo como os nossos renovados e genuínos tipos de «vinho fino», os tais que deviam «todo o primitivo ser à natureza», em confronto com os vinhos «industrializados», crismados em Gaia de «vinho do Porto», com todas as consequências que, tal porta aberta, traria à região»<sup>120</sup>.*

<sup>116</sup> BARRETO, 1993: 164.

<sup>117</sup> BARRETO, 1993: 101.

<sup>118</sup> BARRETO, 1993: 164. Adegas criadas na Região Demarcada do Douro: Mesão Frio (1950), Peso da Régua (1951), Vila Real (1955), Favaios (1956; impulsionada por Carlos Amorim, que viria a ser o seu primeiro presidente; ARAÚJO, COSTA, 2005: 139), Lamego e Armamar (1957), Meda (1958), Freixo de Numão e Pegarinhos (1959), Sabrosa, Sanfins do Douro, Alijó e Foz Côa (1960), Trevões (1961), Freixo de Espada à Cinta, São João da Pesqueira e Medrões (1962), Cumieira, Santa Marta de Penaguião e Torre de Moncorvo (1963), Vila Flor (1964), Murça e Vale de Teja (1965).

<sup>119</sup> ROSEIRA, 1992: 129.

<sup>120</sup> ROSEIRA, 1992: 129.

Assim, as medidas tomadas pelo Estado tiveram efeitos reduzidos na situação social duriense. Conforme refere Gaspar Martins Pereira, «só a partir de meados dos anos sessenta, acompanhando a conjuntura geral de crescimento económico, o vinho do Porto conheceu uma notável expansão comercial», em consequência do aumento dos volumes comercializados, à diversificação de tipos produzidos e de mercados e à subida dos preços. Contudo, segundo o mesmo autor, «esta fase de recuperação do sector do vinho do Porto ocorreu num contexto de perda e desestruturação regional», marcado pela guerra colonial, surto de emigração e a «atração urbana», que tiveram como consequência o despovoamento de «muitas aldeias de uma parte valiosa da sua população activa»<sup>121</sup>.

A população do Douro «está em decréscimo quase constante»<sup>122</sup> desde o início da década de 1960, «período em que se intensificaram os movimentos migratórios para os países do centro da Europa»<sup>123</sup>. A perda de população, estimada em cerca de 20% de 1960 para 1970<sup>124</sup>, acarretou «impactos fortíssimos na vida económica e social» do Douro: «a falta de mão-de-obra pressionou a elevação dos salários, mas também a maquinização dos trabalhos mais pesados (como as surribas) e a adopção de novas formas de plantio da vinha, em que os patamares separados por taludes substituíram os socalcos e os respectivos muros de suporte, iniciando uma transformação, em muitos casos radical, da paisagem do Douro»<sup>125</sup>.

## REFLEXÕES FINAIS E PERSPECTIVAS

Moveu-nos, neste estudo, uma particular atenção à acção da natureza e da cultura que constitui a paisagem duriense, em que permanecem latentes o trabalho obscuro dos homens e a espessura dos espaços-tempos do ser histórico com que história e literatura nos desafiam e impulsionam.

Observou-se ética e estética ficcional em novos dispositivos de tratamento formal, tendo em atenção a matéria histórica que paira nos textos literários e abre para a reflexão do que se herdou do passado face ao qual há uma dívida que a literatura não vai saldar, mas cuja compreensão permite ressignificar as relações de dívida/responsabilidade com a nossa história.

Obviando esquecimentos recorrentes<sup>126</sup> quanto ao património literário da paisagem cultural duriense, destacamos para análise diferenciada, mas complementar, o capítulo *Duas gotas de água*, sobre a região do Douro da obra brandoniana *Portugal Pequeno*, em co-autoria, e *Roteiro Sentimental: Douro*, conjunto de crónicas de viagens de Manuel Mendes, narrativas literárias de valor documental.

<sup>121</sup> PEREIRA, 2003: 56-57.

<sup>122</sup> BARRETO, 1993: 71.

<sup>123</sup> RAMOS, 2019: 393.

<sup>124</sup> Cf. PEREIRA, 2003: 56-57.

<sup>125</sup> PEREIRA, 2003: 56-57.

<sup>126</sup> Cf. LEITÃO, 2017: 579-599.

Como se demonstrou, essas narrativas de «percurso na paisagem, memória do corpo sobre a terra»<sup>127</sup>, entendidas como evocações literárias e testemunhos históricos, indo além de significações tradicionais da paisagem cultural duriense, revigoram os estudos sobre esta «paisagem-memória»/«paisagem-trabalho», numa dimensão de crença ético-estético-política e escrita de rastros, vestígios e espectros que fazem com que as vozes dos desaparecidos e das vítimas não sejam só arquivadas na memória colectiva, mas ecoem de forma viva.

Por isso, em vez de se pretender esgotar as múltiplas e profícuas chaves interpretativas das duas obras literárias e documentais sobre o Alto Douro Vinhateiro, no século XX, a partir de seu reconhecimento como património mundial, tentou-se enraizar a sua análise reflexiva, aproximando-nos do debate do «indecidível», aquilo que, no pensamento derridiano, assombra a ficção e a história de forma subtil e velada. Daí a nossa opção também por uma leitura fecunda no entrecruzar da espectralidade de J. Derrida, em *Espectros de Marx*, com a escrita espectral de Raul Brandão e as crónicas neo-realistas de Manuel Mendes, textos fragmentários e sedimentares do Douro que os dois escritores dedicam aos «filhos dos outros» e aos jovens filhos de amigos durienses, num sentir de responsabilidade da/com a memória e herança geracional. «Destitui-se, então, a imagem de um passado linear e rememorado em sua totalidade para dar lugar ao [...] compromisso ético de testemunhar para impedir que se calem os mortos»<sup>128</sup>.

Assim, ao tratar do passado como motor da problematização histórica, recorreu-se à ideia de espectros, fantasmas, ruínas, vestígios e fragmentos, reconhecendo que tais noções expressam uma linha de força no pensamento da modernidade tardia fortemente disseminada ao longo do século XX, com prolongamentos na nossa contemporaneidade, como se procurou perscrutar na análise dos textos ficcionais e históricos estudados. Porém, a melhor forma de se compreender a diversidade, complementaridade e relevância dessas narrativas literárias e documentais sobre o Douro é, antes de mais, lê-los e fruí-los com inspiração à altura da originalidade e valor patrimonial próprios.

Na tendência de se recuperar o lastro revigorante de um outro desenvolvimento cultural sustentado nos *rastros* de um passado que ainda reverbera na nossa existência, em osmose de espaços-tempos do ser histórico que palpita nos textos analisados, foi possível perceber uma espessura sedimentar ética, estética e sensorial da paisagem cultural do Alto Douro Vinhateiro — Património Mundial, em suas identidades partilhadas pelas gerações presentes e vindouras.

Numa compreensão complexa e abrangente como a que aqui se ensaiou, o Alto Douro Vinhateiro — Património Mundial, real ou imaginário, oferece aos estudiosos novas pistas de abordagem que não esgotam a simbologia da sua tessitura, nem o

---

<sup>127</sup> CARNEIRO, 1982.

<sup>128</sup> DIAS, 2017: 41-51.

carácter multifacetado das suas múltiplas experiências históricas, representações literárias e culturais. Daí que os obstáculos e desafios socioculturais, com que hoje se debate, em seus «usos», limites e potencialidades, tenham de ser compreendidos através da «potência política da literatura»<sup>129</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Fernando Bianchi de (2002). *O Alto Douro Vinhateiro, uma paisagem cultural evolutiva e viva*. «Douro — Estudos & Documentos». VII:13, 143-152.
- ARAÚJO, Jorge Filipe de; COSTA, Miguel Alexandre (2005). *A Adega Cooperativa de Favaio: os antecedentes e os primeiros anos de laboração (1956-1960)*. «Douro — Estudos & Documentos». 20, 133-152.
- BAKHTIN, Mikhail (1988). *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. UNESP.
- BAKHTIN, Mikhail (2010). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARBOSA, Márcia Helena Saldanha (2007). *O Cronotopo e a inserção da história na narrativa de Dyonélio Machado*. «Revista de História e Estudos Culturais». 4:4, 1-9.
- BARRETO, António (1993). *Douro*. Lisboa: Edições Inapa.
- BARRETO, António; CARVALHO, Manuel (2016). *O vinho no tempo de Guerra. O Dão, o Douro e os Vinhos Verdes nas fotografias da Casa Alvão*. Porto: Público.
- BRANDÃO, Maria Angelina (1959). *Um coração e uma vontade: Memórias*. Coimbra: [s.n.].
- BRANDÃO, Maria Angelina; BRANDÃO, Raul (1930). *Portugal Pequeno*. Lisboa: [Edição de autores].
- BRANDÃO, Maria Angelina; BRANDÃO, Raul (1985). *Portugal Pequeno*. Lisboa: Eu.
- CARNEIRO, Alberto (1982). *Percursos na paisagem (memória de um corpo sobre a terra)*. In *Exposição de Alberto Carneiro*. Lisboa: Galeria Quadrum. [Consult. 16 Out. 2022]. Disponível em <[https://gulbenkian.pt/cam/works\\_cam/percursos-na-paisagem-memoria-do-corpo-sobre-a-terra-154246/](https://gulbenkian.pt/cam/works_cam/percursos-na-paisagem-memoria-do-corpo-sobre-a-terra-154246/)>.
- CARREIRA, Maria de São Luís da Silva (2012). *Marcas de água: Arquivo Histórico Parlamentar (Monarquia Constitucional 1821-1910)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.
- CASTILHO, Guilherme (2006). *Vida e Obra de Raul Brandão*. Lisboa: INCM.
- CHARTIER, Roger (1990). *Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais*. In CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, pp. 13-28.
- CHARTIER, Roger (2001). *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: ARTMED Editora.
- COMPAGNON, Antoine (2021). *Les relations de la littérature et de l'innovation*. In PAVIE, Xavier. *Imaginer le monde de demain*. Paris: Maxima, pp. 151-171.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1990). *Kafka. Por uma literatura menor*. México: Era.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1992). *Conversações (1972-1990)*. São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (2001). *¿Qué es filosofía?* Barcelona: Editorial Anagrama.
- DIAS, Felício Laurindo (2017). *Espectros de Derrida na ficção brasileira contemporânea: 1964 e seus fantasmas consistentes nas obras A Resistência, de Julián Fuks, e Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar*. «Cadernos Literários». 25:1, 41-51.
- Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* (1994). Lisboa: Publicações Europa América; Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, vol. III.
- DOMINGUES, Álvaro; SOTTO MAYOR, João Paulo (2009). *Douro à la Carte*. Peso da Régua: Edições de Risco; Museu do Douro.

<sup>129</sup> DELEUZE, GUATTARI, 1992: 213.

- FAUVRELLE, Natália (2007). *Formas de armação do terreno no Alto Douro Vinhateiro: protecção e gestão da paisagem*. «População e Sociedade». 13, 87-96.
- FAUVRELLE, Natália (2019). *A evolução da paisagem*. In GUICHARD, François; ROUDIÉ, Philippe; PEREIRA, Gaspar Martins, *coords.* *O vinho do Porto e o Douro no século XX e início do século XXI*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 363-384. Vol. 5 de *História do Douro e do vinho do Porto*.
- FIORIN, José Luiz de (2006). *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática.
- GUICHARD, François; ROUDIÉ, Philippe; PEREIRA, Gaspar Martins, *coords.* (2019). *O vinho do Porto e o Douro no século XX e início do século XXI*. Porto: Edições Afrontamento. Vol. 5 de *História do Douro e do vinho do Porto*.
- LAGE, Maria Otília Pereira (2018a). *Durante a Guerra, «Memórias» de Raul Brandão: a participação de Portugal na Grande Guerra (1914-1918). Aproximação a uma alegorização da história*. In MOREIRA Fernando; RIBEIRO, Orquídea; PIMENTA, Susana, *coords.* *Portugal na (e no tempo) da Grande Guerra*. Vila Real: UTAD, pp. 148-162.
- LAGE, Maria Otília Pereira (2018b). *Um caso de fronteira no «Douro Novo»: Carrazeda de Ansiães. Para a história do vinho do Porto*. Porto: Edições Afrontamento; CITCEM.
- LE GOFF, Jacques (1984). *Documento/Monumento*. In *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: INCM, vol. I.
- LEITÃO, Isilda (2017). *Viajar pela paisagem do Alto Douro Vinhateiro — turismo, literatura e arte*. «International Journal of Scientific Management and Tourism». 3:1, 579-599.
- LOPES, Óscar (1990). *Cifras do tempo*. Lisboa: Editorial Caminho.
- MACHADO, Irene A. (1996). *Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin*. «Língua e Literatura». 22, 89-105.
- MAGALHÃES, Lucilha de Oliveira. (2007). *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. «Locus: revista de História». 13:1, 210-215.
- MARTINS, Nuno Ornelas (2018). *As Ilhas Desconhecidas de Raul Brandão: Para além das notas e paisagens*. In *Raul Brandão 150 anos*. Porto: Câmara Municipal, pp. 54-63.
- MENDES, Manuel (2002). *Roteiro Sentimental, Douro*. Porto: Edições Afrontamento; Peso da Régua: Museu do Douro.
- OLIVEIRA, Célia; REYNAUD, Maria João (2019). *Raul Brandão: Cartas a Maria Angelina*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- PATO, João; SCHMIDT, Luísa; GONÇALVES, Maria Eduarda, *orgs.* (2013). *Bem Comum: Público e/ou privado?* Lisboa: ICS-UL.
- PEIXOTO, Fernando (2019). *O triângulo corporativo*. In GUICHARD, François; ROUDIÉ, Philippe; PEREIRA, Gaspar Martins, *coords.* *O vinho do Porto e o Douro no século XX e início do século XXI*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 186-224. Vol. 5 de *História do Douro e do vinho do Porto*.
- PEREIRA, Gaspar Martins (2003). *Um vinho com história*. In PEREIRA, Gaspar Martins, *coord.* *O vinho do Porto*. Porto: IVDP, pp. 37-61.
- PEREIRA, Gaspar Martins (2021). *Com um cálice de «Torga»*. In MORAIS, Maria da Assunção Anes, *org.* *Fragas. Homenagem a Miguel Torga nos 25 anos da sua morte*. Chaves: Alecrim & Alfazema, pp. 298-306.
- PEREIRA, Gaspar Martins; BARROS, Amândio Morais (2001). *Memória do Rio. Para uma história da navegação no Douro*. Porto: Edições Afrontamento; Instituto de Navegabilidade do Douro.
- PIRES, Vera Lúcia; KNOLL, Graziela Freiner; CABRAL, Ederson (2016). *Dialogismos e polifonia: dos conceitos à análise de um artigo de opinião*. «Letras de Hoje». 51:1, 119-126.
- RAMOS, Luís (2019). *A situação actual do Douro: problemas e desafios*. In GUICHARD, François; ROUDIÉ, Philippe; PEREIRA, Gaspar Martins, *coords.* *O vinho do Porto e o Douro no século XX e início do século XXI*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 385-431. Vol. 5 de *História do Douro e do vinho do Porto*.

- REIS, José Carlos (2011). *O tempo histórico como «representação intelectual»*. «Fénix — Revista de História e Estudos Culturais». 8:2, 1-21.
- REYNAUD, Maria João (1995). *Raul Brandão: Ficção e Infância*. «Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas». XII, 233-243.
- REYNAUD, Maria João (2019). *Algumas reflexões por Maria João Reynaud*. In OLIVEIRA, Célia; REYNAUD, Maria João. *Raul Brandão: Cartas a Maria Angelina*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, pp. 33-39.
- RHEINEBERGER, Hans-Jorg (2013). *Iterations*. Paris: Diaphanes.
- RIBEIRO, António Sousa; RAMALHO, Maria Irene (2011). *Identidade e Nação na(s) poética(s) da modernidade: Os casos de Fernando Pessoa e Hugo von Hofmannsthal*. In SANTOS, Boaventura. *Entre ser e estar: Raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 411-435.
- RODRIGUES, Ernardina Sousa Silva (2013). *Cronotopo: algumas reflexões*. «Indícios». [Consult. 4 ago. 2018]. Disponível em <<http://ernaldina.blogspot.pt/2013/06/cronotopo-algumas-reflexoes.html>>.
- ROSA, Vasco, org. (2013). *A pedra ainda espera dar flor — Dispersos*. Lisboa: Quetzal.
- ROSEIRA, Luís (1992). *Uma vida pelo Douro*. Porto: Edições Asa.
- SENA, Jorge de (1978). *Estudos de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- SEQUEIRA, Carla (2000). *A questão duriense e o movimento dos paladinos, 1907-1932. Da Comissão de Viticultura Duriense à Casa do Douro*. Porto: GEHVID/CIRDD.
- SEQUEIRA, Carla (2011). *O Alto Douro entre o livre-cambismo e o proteccionismo. A questão duriense na economia nacional*. Porto: Edições Afrontamento; CITCEM.
- SGARD, Anne (2011). *Le partage du paysage. Géographie*. Grenoble: Université de Grenoble.
- TORGA, Miguel (1995 [1949]). *Diários*. Vol. IV. Coimbra: [Edição de autor]. 2 vols.
- TORRES, Alexandre Pinheiro (1983). *O Movimento Neo-realista em Portugal na sua primeira fase*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Ministério da Educação Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- VIÇOSO, Vítor Pena (1959). *Ler hoje o Neo-realismo*. «Vértice». 187, 172.
- VIÇOSO, Vítor (1999). *A Máscara e o Sonho: Vozes, Imagens e Símbolos na Ficção de Raul Brandão*. Lisboa: Cosmos.